

LINGUASAGEM

UM ESTUDO DO *ETHOS* DE PHIONA MUTESI NA OBRA *RAINHA DE KATWE*, DE *TIM CROTHERS*: CAMINHOS E PERSPECTIVAS NA ANÁLISE DO DISCURSO

Erick Samuel Silva THOMAS¹ (UFG/CAPES)
Marco Antonio Almeida RUIZ² (UFG)

Resumo: Este artigo busca analisar as imagens da personagem e protagonista Phiona Mutesi na obra “Rainha de Katwe”, de Tim Crothers, publicada em 2012 e adaptada para o cinema por Mira Nair e roteiro de William Wheeler (2016). Com efeito, vemos como a protagonista, por meio de suas ações, promove deslocamentos de sentidos em torno da imagem estigmatizada da mulher, que é colocada como submissa à cultura de seu país, e ganha novos contornos a partir de sua coragem e bravura manifestadas por suas habilidades num jogo de xadrez. Logo, esse jogo, além de se mostrar como uma instância de discurso necessária para romper o preconceito, mostra-se como uma metáfora dos atos de sua resistência contra a imposição de representações cristalizadas em torno de sua feminilidade. Para nossa empreitada, empregaremos as bases fundamentadas pelos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso de orientação francesa, herança de Michel Pêcheux e seu grupo no final da década de sessenta na França, em especial abordaremos o conceito de *ethos* discursivo promovido por Dominique Mainguenu (2008, 2010, 2011, 2020).
Palavras-Chave: Discurso; *Ethos*; Rainha de Katwe; Mulher.

Abstract: This article seeks to analyze the images of the character and protagonist Phiona Mutesi in the book “Queen of Katwe”, by Tim Crothers, published in 2012 and adapted for film by Mira Nair and screenplay by William Wheeler (2016). Indeed, we see how the protagonist, through her actions, promotes displacement of meanings around the stigmatized image of the woman, who is placed as submissive to the culture of her country, and gains new contours from her courage and bravery manifested by your skills in a game of chess. Therefore, this game, in addition to showing itself as an instance of discourse necessary to break the prejudice, shows itself as a metaphor of the acts of her resistance against the imposition of representations crystallized around her femininity. For our endeavor, we will use the bases based on the theoretical-methodological assumptions of the analysis of the French-oriented discourse, legacy of Michel Pêcheux and his group in the late sixties in France, in particular we will approach the concept of discursive ethos promoted by Dominique Mainguenu (2008, 2010, 2011, 2020).

Key-words: Speech. Ethos. Queen of Katwe. Women.

¹ Graduado (2020) em Letras - Português / Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: thomaserick98@gmail.com

² Professor adjunto na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, área de linguística. É doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS). E-mail: marcoalmeida@ufg.br

Introdução

Este trabalho busca analisar as imagens da personagem Phiona Mutesi na obra “Rainha de Katwe”, de Tim Crothers, publicada em 2012 e adaptada para o cinema em setembro de 2016 por Mira Nair e roteiro de William Wheeler. Trataremos de transcrever algumas partes do livro de modo a observar e analisar a construção do *ethos* de coragem e determinação da personagem protagonista sob os postulados teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa, em especial a partir das reflexões de Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2011, 2020).

É importante salientar que há inúmeras pesquisas – desde as áreas da educação às tecnologias, perpassando pelas ciências sociais e humanas – com o objetivo de estudar as identidades, os perfis, as atitudes e as imagens discursivas de diferentes sujeitos ao tomarem a palavra nas múltiplas instâncias da sociedade. Dessa forma, os trabalhos acadêmicos que tratam do fenômeno das imagens discursivas de diferentes sujeitos nos mais variados contextos, analisando, assim, as ideologias presentes nos discursos desses sujeitos, refletem a relevância desse campo para os estudos discursivos.

Todo ato de falar, de discursar, ou seja, tomar a palavra faz com que o interlocutor desenvolva uma imagem daquele que tem a palavra. Para isso, não é necessário que o indivíduo fale explicitamente de si, de suas qualidades. Segundo Amossy (2005, p. 9) “seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”. Essa representação, há muito tempo, era denominada pelos antigos filósofos, teóricos e estudiosos como *ethos*.

Esse conceito tem sido extensamente discutido por pesquisadores da área da linguagem, sobretudo pelos estudiosos da análise do discurso, a argumentação e a retórica. A fim de exemplificarmos tal afirmação, destacamos as reflexões de Thomas e Santos (2019), que analisaram o *ethos* nas práticas discursivas dos professores de Língua Portuguesa do Estágio Supervisionado; além de citarmos, também, a pesquisa de Carreon (2019) que observou o *ethos* de amável coragem da ex-presidenta Dilma Rousseff no tocante ao corpo feminino.

Dessa maneira, para explicarmos o que será discutido ao longo do texto, apresentamos uma rápida descrição na seção “Introdução”. Na seção subsequente, denominada de “contexto de pesquisa”, apresentamos o trajeto teórico-metodológico para

a elaboração do presente artigo, o que motivou a escrita e a necessidade deste texto, explicitando os procedimentos de pesquisa. Em seguida, na seção “Fundamentação teórica: considerações acerca da Análise do Discurso e do *ethos*”, analisamos as contribuições de vital importância sobre os princípios desse campo teórico do discurso e o conceito de *ethos* discursivo situado nas produções de Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2011, 2020). Dando continuidade à estrutura do artigo, na seção “Sobre a obra *Rainha de Katwe*”, discutimos as principais características da obra que influenciaram a nossa discussão e problematização aqui apresentadas. Já na seção “O *ethos* de Phiona Mutesi”, identificamos a imagem construída pela narrativa da personagem principal, buscando entender o processo de construção de um *ethos* de uma jovem determinada e corajosa mediante sua realidade e vivências na região de Katwe em Uganda. Finalmente, nas considerações finais, expomos algumas de nossas reflexões acerca da temática.

Fundamentação teórica: considerações acerca da Análise de Discurso e do *ethos*

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise (FERREIRA, 2010, p. 18).

A Análise do discurso (doravante, vez ou outra AD) é uma disciplina cujo objeto de estudo é, portanto, o discurso. O surgimento desse campo ocorre no final dos anos 1960 na França, uma “época que coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formação do mundo, das ideias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade, no caso, francesa” (FERREIRA, 2010, p. 17).

Michel Pêcheux é considerado o precursor desse campo apresentando uma noção de discurso que irrompe em meio à imanência da língua e de sua estrutura. Assim, segundo o autor, o discurso é o efeito de sentido produzido entre os interlocutores considerando a sua constituição no seio da vida social (PÊCHEUX, 2014). Foi filósofo e linguista de formação e foi responsável pela célebre obra *Análise Automática do Discurso* publicada em 1969. Esse livro chocou a época promovendo deslocamentos em torno do objeto de estudo da linguística e constituiu-se como um marco histórico, agitando “profundamente os saberes inscritos na área dos Estudos Linguísticos, o chamado núcleo duro dessa área, dedicado ao estudo da língua *stricto sensu*, isto é, uma língua dotada de homogeneidade” (INDURSKY, 2019, p. 158).

Com efeito, a Análise do discurso surge, assim, como uma perspectiva “de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visava combater o excessivo formalismo linguístico então vigente” (FERREIRA, 2010, p. 18). Desde a sua origem, a AD “toma como objeto de estudos “os discursos políticos”, pois foi fundada para se constituir, em simultâneo, como uma intervenção científica e como uma intervenção política” (GREGOLIN, 2004, p. 173). Sobre o funcionamento, os objetivos e os interesses desse campo, Orlandi (2005, p. 15), uma das mais influentes linguistas e precursoras no Brasil, afirma que análise do discurso, como seu próprio nome indica, “não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”. Ou seja, na AD procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, ela parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua inscrição na história.

Em seus escritos, Orlandi (2005, p. 19) afirma que “nos anos 60, a Análise de discurso se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise”. É no bojo dessas três disciplinas “de onde emerge a análise de discurso” (FERREIRA, 2010, p. 17).

Para nossa investigação, empregaremos as bases fundamentadas por esse campo de discurso que emergiu no final da década de sessenta na França e os contornos de suas problemáticas em torno de outros contextos. Abordaremos, assim, o conceito de *ethos* que teve uma grande repercussão no ambiente acadêmico e em pesquisas relacionadas aos estudos do discurso e das representações discursivas nas mais variadas materialidades. Para sustentarmos nossas reflexões, partiremos de uma afirmação de Maingueneau, vejamos:

Quando comecei a refletir sobre *ethos*, no início dos anos 1980, não imaginava que essa noção chegaria a ter tanta repercussão. Curiosamente, o reaparecimento dessa noção não se deu, de saída, dentro do quadro da retórica, mas sobretudo por meio das problemáticas relativas aos discursos. (MAINGUENEAU, 2008, p. 11).

Na esteira do linguista francês, o conceito foi bastante trabalhado, discutido e (re)lido nos domínios da AD, o próprio autor é considerado uma referência quando ao longo dos mais de trinta anos de estudos discursivos, o reformulou em diferentes

publicações, contemplando artigos, apresentações em congressos e livros³. O *ethos*, a princípio, refere-se à imagem discursiva que o auditório toma do sujeito que se apresenta como enunciador. Logo, sempre que se fala de *ethos*, costuma-se apresentar um longo caminho até a retórica de Aristóteles, o primeiro autor em que encontramos uma concepção definida (MAINGUENEAU, 2008). Para Aristóteles, o *ethos* tinha por função representar o aspecto ético ou moral que o enunciador deixava entrever por meio de seu discurso, conduzindo a boa argumentação, da qual levava (ou não) ao convencimento.

De acordo com Maingueneau (2008), um dos maiores obstáculos que enfrentamos quando “queremos trabalhar com a noção de *ethos* é o fato de ela ser intuitiva” (MAINGUENEAU, 2008, p. 12). No entanto, a ideia de que o locutor ao falar, ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial (MAINGUENEAU, 2008, p. 12). Desse modo, neste trabalho, associamos esse conceito ao campo da AD. O termo *ethos*, em primeira instância, se refere à imagem que o auditório faz do locutor no momento que este toma a palavra. O locutor deve gerar instâncias capazes de persuadir o auditório, criando, portanto, uma imagem de si. De acordo com Pires Filho e Carreon (2019, p. 155), o *ethos* é

uma maneira de ser através de uma maneira de dizer. Em outras palavras, o discurso do sujeito leva, mesmo que à revelia, à produção de imagens de si, o que implica dizer que o *ethos* está ligado ao seu engendramento na cena de enunciação, o que faz com que a construção das imagens de si, acreditamos, assumam seu lugar em uma teatralidade discursiva. (Pires Filho; Carreon, 2019, p. 155).

Para reforçar, Maingueneau (2008) afirma que o conceito não é dito, mas mostrado por meio da seleção de recursos estilísticos e linguísticos, dentre as inúmeras possibilidades existentes. Ambos os autores analisados dizem que o *ethos* é mostrado no discurso ou, dependendo da concepção teórica, na enunciação. Nesse cenário, o *ethos* dispõe de algumas características fundamentais no que concerne aos sujeitos e ao contexto de produção discursiva. Podemos destacar as seguintes considerações:

³ CARREON, RUIZ, ARAÚJO (2019), em um artigo recente publicado na Caderno de Estudos Linguísticos (Unicamp), fazem um levantamento do conceito de *ethos* na obra de Dominique Maingueneau ao longo dos últimos 30 anos. Em especial, os autores fazem uma busca epistemológica do conceito de *ethos* considerando as diferentes publicações do linguista francês e as obras traduzidas no espaço brasileiro. Por exemplo, a obra *Variações sobre ethos* (2020) é uma publicação original em língua portuguesa e lançada pelo autor no país no I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – SIELIPop – e o I Instituto de Análise Caipira do Discurso, disponível em: <https://sielipopufscar.wixsite.com/sielipop>. Acesso em: 6 ago. 2022.

O “fiador” vê atribuídos a si um caráter e uma corporalidade, cujo grau de precisão varia de acordo com os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Já quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de se vestir, a um modo de se mover no espaço social, a um comportamento. O destinatário constrói, de maneira mais ou menos fluida, mais ou menos consciente, a figura desse fiador apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas, valorizadas ou desvalorizadas, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2020, p. 14 *apud* PIRES FILHO; CARREON, 2019, p. 156).

Para explicar a relação entre o ethos pré-discursivo e o ethos discursivo, assim como o ethos dito e o ethos mostrado defendido por Maingueneau (2011), Carreon, Ruiz e Araújo (2019) apresentam um quadro elucidativo e sintético dessa relação:

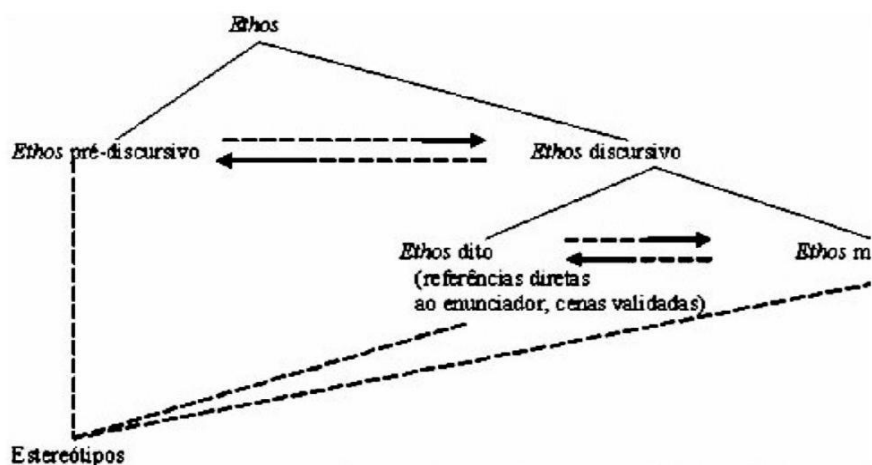


Figura 1: Esquema de *ethos*.

O quadro apresentado é de vital importância para a compreensão do *ethos* discursivo, visto que aborda as suas características primordiais como, por exemplo, a construção de estereótipos e as referências diretas ao enunciadador.

O conceito de discurso

“O ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 7).

O conceito de discurso tem sido abordado pelos mais diferentes teóricos nas mais diversas áreas das Ciências Humanas, principalmente no que tange à Linguística, à História, à Sociologia e à Psicologia. O termo discurso direciona as pesquisas

relacionadas às inúmeras temáticas, bem como sexualidade, raça, etnia, representação, religião, política etc. Afinal, o que é o discurso?

Para Michel Foucault (2008, p. 132), filósofo francês do século XX, o discurso é “um conjunto de enunciados (...) que se apoiam na mesma formação discursiva”. Nesse sentido, precisamos compreender esse conjunto de enunciados como um campo do saber, do conhecimento. Daí a ideia das inúmeras modalidades de discurso: discurso religioso, político, jurídico, psiquiátrico etc. Em outras de suas teorizações, o autor elaborava outra concepção de discurso. Assim, ele diz que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Dessa maneira, o discurso descreve as lutas e os sistemas de dominação nas diferentes instâncias. O conceito de discurso configura-se em um fenômeno tão rico e caro às Ciências Humanas que serve como base para outras pesquisas afins e para outros autores desenvolverem suas concepções acerca deste termo.

No que tange a presente pesquisa, objetivamos analisar as representações discursivas que revelam, portanto, a construção do ethos de determinação e de coragem da personagem Phiona Mutesi na obra “Rainha de Katwe”, de Tim Crothers, visto que o enunciado, relacionado à noção de discurso e ao conceito de *ethos* está presente além da materialidade linguística, considerando as diferentes condições de produção de sua narrativa.

Sobre a obra Rainha de Katwe, de Tim Crothers

O livro “Rainha de Katwe”, de Tim Crothers, conta a história de Phiona, uma garota de Kampala, capital de Uganda, no leste da África. Phiona é uma jovem que vive na favela de Katwe onde leva uma vida dura; desde pequena enfrenta a dor da perda porque seu pai morreu de Aids e sua irmã de causa desconhecida. Aos dez anos, Phiona tem sua vida mudada quando para e começa a assistir a um jogo de xadrez, guiada por Robert Katende, um missionário que alimentava crianças em troca de aprenderem xadrez (SANTOS, 2018).

Phiona é uma menina que na obra demonstra “talento nato para o esporte se destacando em campeonatos, a arte do xadrez na vida da menina abre um mundo de possibilidades e superação, tornando-a primeira mulher de Uganda a ter o título de grande mestre no esporte, campeã nacional de xadrez em Uganda” (SANTOS, 2018, p. 9). É

importante ressaltar que em setembro de 2016, o livro ganha destaque nas telas dos cinemas, na direção de Mira Nair e roteiro de William Wheeler. Com esse filme, os telespectadores podem compreender a proposta de Tim Crothers ao narrar a vida árdua que a personagem protagonista enfrenta desde o nascimento até conhecer outros países devido a suas grandes habilidades no esporte.

Como se vê, Phiona Mutesi cresceu em um ambiente muito hostil e com inúmeras dificuldades sociais e econômicas, sem gozar dos recursos básicos para a sobrevivência, como hospitais, moradia e saneamento básico. Outro fator de dificuldade enfrentado pelos ugandenses é as grandes inundações, pois “Katwe é um pantanal natural e o lençol freático é alto, quase toda chuva inunda a região” (CROTHERS, 2016, p. 21). Quando a favela não está inundada, a terra de Katwe é cheia de sujeira, imunda de esgoto.

Durante a leitura do livro, nota-se que a protagonista da história não frequenta a escola, visto que sua mãe não tem condições financeiras de pagar por aulas na instituição, além de ela nascer e ser criada em uma das favelas mais miseráveis, a favela de Katwe. Nesse contexto, Phiona teme por sua vida, pois a Aids afeta quase 15% da população de Uganda. Para evidenciar o que já foi dito em parágrafos anteriores, valemo-nos do que está escrito na página 25 da obra

Em Katwe, a vida é tão transitória que frequentemente é difícil identificar quais crianças pertencem a quais adultos. É uma população de mães solteiras e seus filhos espalhados aleatoriamente pelos barracos. [...] Mortes por doença, violência, fome ou abandono afetam a todos da favela, mas tragédias individuais não recebem atenção, considerando que ocorrem com tamanha frequência. A maior parte das crianças de Katwe não têm pai, e os homens em suas vidas muitas vezes batem ou abusam delas. As mulheres de Katwe não são valorizadas pelos homens por muita coisa além de sexo e cuidar dos filhos. [...] Elas precisam deixar seus filhos trancados no barraco à noite e não é incomum voltarem para casa de manhã e descobrirem que seus filhos se afogaram numa enchente ou morreram num incêndio após esbarrarem na lâmpada de querosene que estavam usando como luz noturna (CROTHERS, 2016, p. 25).

Dessa forma, percebe-se que os cidadãos de Katwe, incluindo Phiona, enfrentam inúmeras dificuldades e não têm perspectivas de futuro, visto que as crianças ao invés de estarem nas escolas, estão trabalhando de forma árdua para conseguirem alimento, dinheiro e moradia para suas famílias, além dos perigos relacionados aos frequentes golpes de estado que Uganda sofre.

O *ethos* de Phiona Mutesi

Nesta seção apresentamos alguns excertos do livro que dizem respeito às representações discursivas da personagem protagonista da história que revelam, por meio de nossa análise, um *ethos* de determinação e coragem frente aos desafios enfrentados na favela de Katwe. Desse modo, faremos a transcrição do discurso e de alguns momentos de Phiona Mutesi com a função de observar e expor a construção dessa imagem. Para iniciarmos, apresentamos a primeira transcrição relacionada à personagem Phiona, vejamos:

Phiona tinha cerca de três anos de idade quando seu pai morreu e sua vida virou de cabeça para baixo. Ela estava se preparando para entrar no jardim de infância. De repente, ela não era mais criança, e sim uma trabalhadora. A viúva Harriet precisava que todos os seus filhos fizessem parte de sua força de trabalho (...). Quando Phiona tinha cerca de cinco anos de idade, Harriet começou a mandá-la sozinha pela favela todo dia carregando uma panela de milho sobre a cabeça. Ela vendia durante as manhãs e tardes. Phiona carregava vinte espigas de milho e cada uma era vendida por cem xelins (seis centavos de dólar americano), uma carga que valia dois mil xelins, mas uma garota de cinco anos raramente voltava com aquilo (CROTHERS, 2016, p. 72 - 73).

No excerto acima, nota-se como se dá a construção de uma imagem de determinação por parte de Phiona, a personagem era muito jovem quando seu pai faleceu, foi na época do início dos estudos primários. Desde jovem, a protagonista largou a escola para trabalhar com a mãe que a mandava sozinha pelas ruas de Katwe. Precisava ganhar dinheiro para sustentar a mãe e seus irmãos. Essa jornada força Phiona a se tornar uma garota corajosa aos olhos da sociedade, uma vez que na história vemos a construção discursiva de um discurso de bravura em situações como da personagem, ela se destacou pela necessidade de se manter viva e mudar suas condições diante de extrema pobreza. Uma criança, na idade que mostra o excerto, era para frequentar a escola, mas o ato de sair à rua para vender milho só reforça a bravura que o texto constrói da representação de Phiona. Ademais, é uma mulher que pela história seria considerada “imprópria” para realizar tal fato, pois deveria, aos olhos do conservadorismo e do machismo, permanecer cuidando da casa. A protagonista rompe com esse imaginário caracterizado pelo discurso e pela imagem social quando busca seu lugar e se destaca pela coragem de enfrentar uma situação degradante.

Vejamos outro momento do texto que podemos extrair nossas reflexões:

Antes de seu primeiro turno diário vendendo milho, Phiona devia fazer grande parte das tarefas da casa que sua irmã Juliet um dia fizera. Ela também precisava ir buscar água. Phiona acordava às cinco da manhã todo dia e começava uma caminhada de três horas por Katwe para encher um galão de água potável. Às vezes, até levava um galão extra no ombro para algum vizinho em troca de alguns xelins que pudesse dar a sua mãe para comprar comida. (CROTHERS, 2016, p. 73).

Apesar de trabalhar e arriscar sua vida nas ruas de Katwe, Phiona ainda precisa desenvolver as tarefas de casa. Às cinco da manhã, fazia uma longa caminhada para obter água potável e, nesse ambiente, conseguia dinheiro ao levar outros galões para os vizinhos. Nessa descrição da árdua manhã de Phiona, podemos ver como se constrói um ethos de coragem e determinação, pois os desafios do cotidiano a deixavam cada vez mais forte. Além disso, mais uma vez, observamos uma regularidade na narrativa.

Ao observamos o seguinte trecho – “Phiona devia fazer grande parte das tarefas da casa (...)” – novamente observamos o imaginário machista pregnant colocando-a num papel social imposto por regras de uma população dita dominante, homens brancos que acham que detém o poder. Para essa representação histórica, a mulher rompendo o estigma e indo à rua buscar seu sustento faz com que esse discurso dominante (de que a mulher deve permanecer em casa) se desloque na figura de Phiona, ratificando ainda mais esse *ethos* de coragem. É a forma como é construída a personagem, rompendo com uma “tradição” construída por uma parcela da população, que confere esse título de bravura à protagonista.

Em seguida, trouxemos a terceira representação discursiva da personagem da obra

De repente, a garota quieta ficou mais agressiva. Phiona caminhou até seus algozes com uma atitude de quem estava pronta para brigar. Foi para aquele momento que Katwe a treinara; uma percepção animalésca de que, a cada dia, só os mais fortes sobrevivem, que retaliações são necessárias, que até mesmo a criatura mais naturalmente tímida precisa lutar quando sua existência depende disso. Phiona podia sentir que aquele dia era um marco em sua jovem vida, uma linha desenhada na terra, e ela não podia, não iria, ser afastada daquelas lindas peças. (CROTHERS, 2016, p. 84).

Na transcrição acima, percebemos que Phiona possui características agressivas, pois viveu toda sua vida em Katwe, uma região com altos índices de extrema pobreza e com muita violência. Para Phiona, o mais forte sobrevive em Katwe, daí a necessidade de ser uma garota forte. Romper com a tradição discursiva de homens brancos é sobretudo romper com um imaginário social que há muito tempo assola a sociedade, em especial a brasileira. Nos moldes como vemos a descrição do excerto, sair e buscar pelos seus

interesses é desconstruir essa discursivização da “mulher enquanto um ser submisso” e adquirir novos discursos que deslocam o sentido de submissão.

A protagonista, “quem estava pronta para brigar”, de certo modo, assume a posição de um *anti-ethos* da mulher “perfeita”, discursivizada pela história. Um valor que irrompe como um acontecimento de linguagem, pois ao som de sua voz, pelo discurso que emana, proporciona quebrar os estigmas e buscar por uma vida melhor. Ao vermos que ela “[poderia] sentir que aquele dia era um marco em sua jovem vida”, constrói-se, a partir desse momento, uma nova personagem que se enche de esperança e coragem, a fim de lutar por uma vida melhor. Há, com isso, um deslocamento de sentidos que promove um ressignificar na vida de Phiona e, também, para a vida das mulheres de Katwe.

Vejamos a quarta transcrição como forma de encontrarmos as regularidades discursivas e compreender, assim, essa construção da imagem da personagem.

Phiona ganhou um troféu dourado quase tão alto quanto ela. Ela nunca sequer segurara um troféu antes, nunca ganhara algo em que havia outros competidores. - Aquele foi um dia muito, muito feliz - relembra Phiona. - Me lembro que quando cheguei em casa, sentia que não era a Phiona de sempre. Eu era uma Phiona diferente. (CROTHERS, 2016, p. 127).

O fato de a protagonista discursivizar sua vitória diante de situações tão constrangedoras e de total precariedade, o levantar o troféu não se trata apenas de ganhar um prêmio diante de uma competição, aos olhos da história é também, em especial, o deslocar-se de condições pré-estabelecidas por imaginários sociais, sobretudo enquanto uma mulher. Sua conquista não só representa uma mudança de vida, na parte teórica, mas corrobora para uma mudança de pensamento de uma certa comunidade, a que ela, por exemplo, tem origem.

Ao discursivizar “(...) [eu] sentia que não era a Phiona de sempre [,] era uma Phiona diferente”, a protagonista ratifica sua bravura colocando-se fora do imaginário “comum” de sua comunidade, ela rompe com o estigma e ganha um status de corajosa, da mulher que enfrentou, a todo custo, as incertezas de sua cultura e deslocou sentidos em torno de sua posição-sujeito na sociedade, uma mulher forte. O jogo de xadrez e sua vitória retomam metaforicamente a força e a coragem de enfrentar não só uma situação, mas também todo um estigma encrustado na/pela história.

Considerações Finais

Este artigo buscou analisar o *ethos* discursivo de coragem e determinação da personagem Phiona Mutesi na obra *Rainha de Katwe* sob os postulados teórico-metodológicos da Análise do discurso de orientação francesa. O motivo da escrita deste trabalho surge pela necessidade de discutir as imagens e estigmas discursivos presentes na obra supracitada, visto que a personagem principal enfrentou inúmeros obstáculos em sua vila até conquistar o mundo com o xadrez, uma forma de que ela encontrou para romper com o tradicionalismo discursivo acerca de sua posição na sua cultura, colocando-se como uma mulher livre.

No corpo do artigo, argumentamos sobre os princípios da Análise do discurso de orientação francesa e das contribuições de seus autores, como Michel Pêcheux e Michel Foucault (2008), mas utilizamo-nos das reflexões de Dominique Maingueneau para pensar e problematizar o conceito de *ethos* discursivo na obra analisada. O conceito de discurso, na seção seguinte, foi abordado mediante as contribuições de diferentes teóricos situados nos mais diversos empreendimentos científicos; enquanto trouxemos considerações da obra “Rainha de Katwe” que se constitui como nosso material de estudo.

Desse modo, o presente trabalho nos fornece uma reflexão de como se dá a construção do *ethos* de determinação e coragem vinculado às representações discursivas da personagem protagonista Phiona Mutesi frente às inúmeras dificuldades que enfrentou em seu país. Embora a obra coloque, mais uma vez, as dificuldades que as mulheres têm diante do sentido imposto à elas na/pela história, a narrativa ressignifica esse lugar e promove deslocamentos de sentidos que, por consequência, uma mudança significativa acerca da imagem que ela, a protagonista, imprime diante das situações precárias. Phiona, por meio de sua valentia, coragem e bravura rompe com o sentido de estar presa à condição imposta por uma sociedade e desloca o sentido de ser mulher como um ser livre. Não é só a sua bravura representada na prática pela vitória no jogo de xadrez, mas é a sua força que permite ressignificar o seu papel numa sociedade machista, preconceituosa. Sair em busca do sustento é mais um dos sentidos que irrompem no continuum da história, ou seja, é participar ativamente de uma sociedade que preza por valores e igualdade a todos seus integrantes.

A metáfora do xadrez possibilita-nos pensar um deslocamento de sentidos que não só se configuram agora, mas há anos tem se tornado mote de reflexão às mulheres e suas lutas por liberdade. Nessa luta, a coragem, na figura de Phiona, é mais um sentido que

desconstrói o preconceito e instaura novas memórias de luta e resistência no seio da sociedade.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. Cap. 1. p. 9-28.

CARREON, Renata de Oliveira. **Dilma Rousseff e o ethos de amável coragem: o corpo no feminino**. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 48, n. 2, p. 728-746, 2019.

CARREON, R. de O.; RUIZ, M. A. A; DE ARAÚJO, L. M. B. M. **Ensaio teórico sobre a noção de ethos discursivo em Maingueneau: caminhando entre releituras**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655004>. Acesso em: 6 ago. 2022.

CROTHERS, Tim. **Rainha de Katwe**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. Alda Lima.

FERREIRA, M. C. L. (2010). **Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso**. *Organon*, 48, 17–34. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636/17316>, último acesso em maio de 2015.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **O enunciado e o arquivo: foucault (entre)vistas**. In: NAVARRO-BARBOSA, Vanice Sargentini e Pedro (org.). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. Cap. 1. p. 23-44.

INDURSKY, F. (2019). **AAD-69**. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, (44), 157-173.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Ethos, cenografia, incorporação**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 69-91.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PIRES FILHO, Ilto Da Cruz; DE OLIVEIRA CARREON, Renata. **“O DEUS DO NOVO MUNDO”**: O ETHOS DIVINO DE LIGHT YAGAMI EM DEATH NOTE. revista *Linguagem*, v. 38, n. 1, p. 149-163, 2021.

DOS SANTOS, Bruna Tais. **A interseção entre o cinema e a história, das narrativas a cinematografia: um breve relato sobre a disseminação do genocídio em Ruanda**. VI Congresso Sergipano de História, 2018, p. 01 - 14.

THOMAS, Erick S. S.; SANTOS, Silvair F. dos. **O ethos nas práticas discursivas dos professores de língua portuguesa**. In: *Seminário de Educação, Linguagem e Tecnologias: Universidade, Autonomia e Produção do Conhecimento*, 5., 2019, Anápolis, 2019. p. 108 - 118.

Submetido em: 10 de agosto de 2022.

Aprovado em: 14 de setembro de 2022.

Como referenciar este artigo:

THOMAS, Erick Samuel Silva; RUIZ, Marco Antonio Almeida. Um estudo do *ethos* de Phiona Mutesi na obra *Rainha de Katwe, de Tim Crothers*: caminhos e perspectivas na análise do discurso. **revista Linguagem**, São Carlos, v.42, n.1, 2022 p. 34-48.